Manuel Bandeira

PRA BRINCAR

Ilustrações Claudia Scatamacchia

global

Sumário

Vozes na
noite

Cabedelo

Viagem à roda do mundo
Numa casquinha de noz:
Estive em Cabedelo.
O macaco me ofereceu cocos.

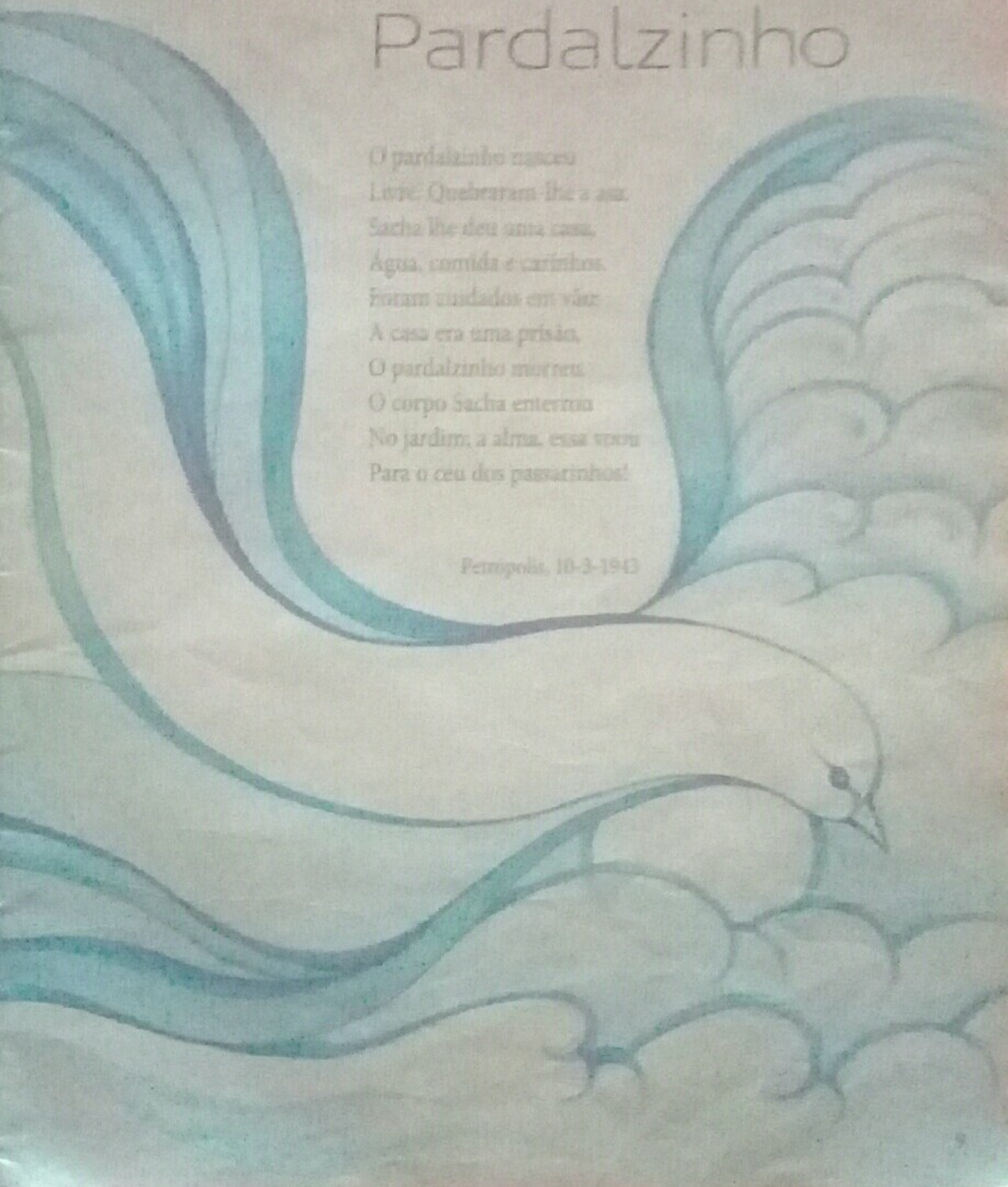
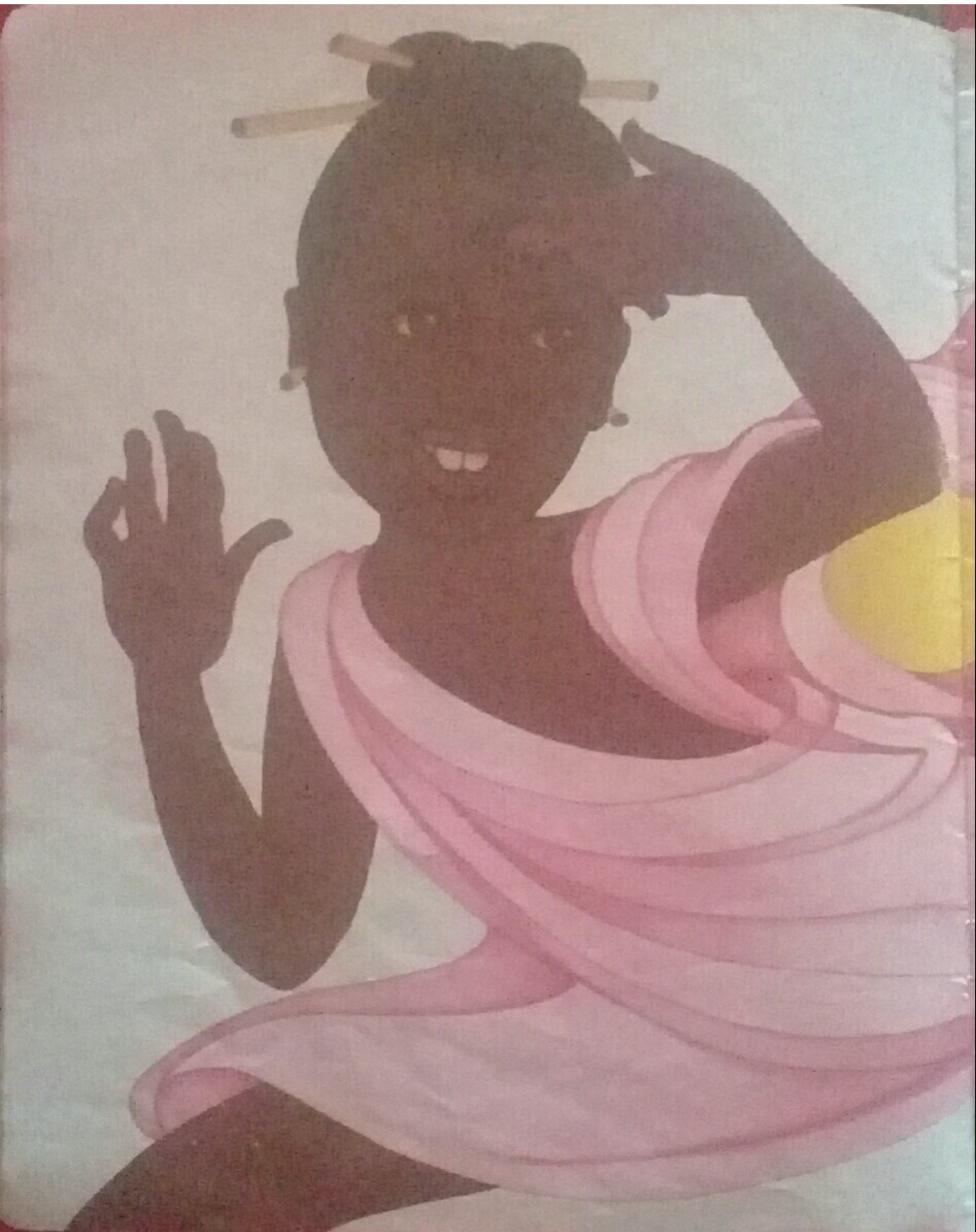
Ó maninha, ó maninha,
Tu não estavas comigo!...

– Estavas?...

1928

Pardalzinho

O pardalzinho nasceu
Livre. Quebraram-lhe a asa.
Sacha lhe deu uma casa,
Água, comida e carinhos.
Foram cuidados em vão:
A casa era uma prisão,
O pardalzinho morreu.
O corpo Sacha enterrou
No jardim; a alma, essa voou
Para o céu dos passarinhos!

Petrópolis, 10-3-1943

Cunhantã

Vinha do Pará
Chamava Siquê.
Quatro anos. Escurinha. O riso gutural da raça.
Piá branca nenhuma corria mais do que ela.

Tinha uma cicatriz no meio da testa:
– Que foi isto, Siquê?
Com voz de detrás da garganta, a boquinha tuíra:
– Minha mãe (a madrasta) estava costurando
Disse vai ver se tem fogo
Eu soprei eu soprei eu soprei não vi fogo
Aí ela se levantou e esfregou com minha cabeça na brasa

Riu, riu, riu

Uêrêquitáua.
O ventilador era a coisa que roda.
Quando se machucava, dizia: Ai Zizus!

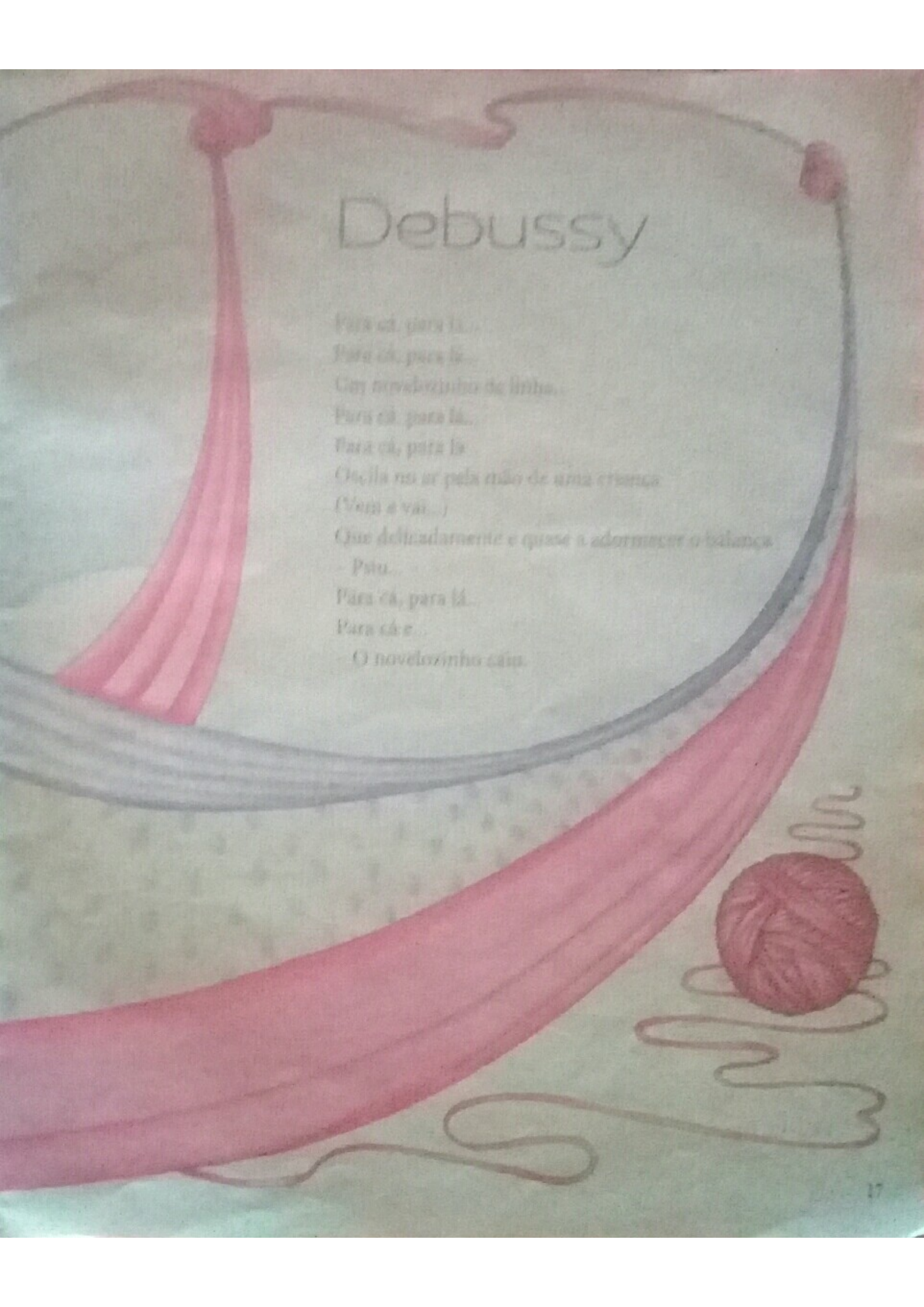
1927

Canto de Natal

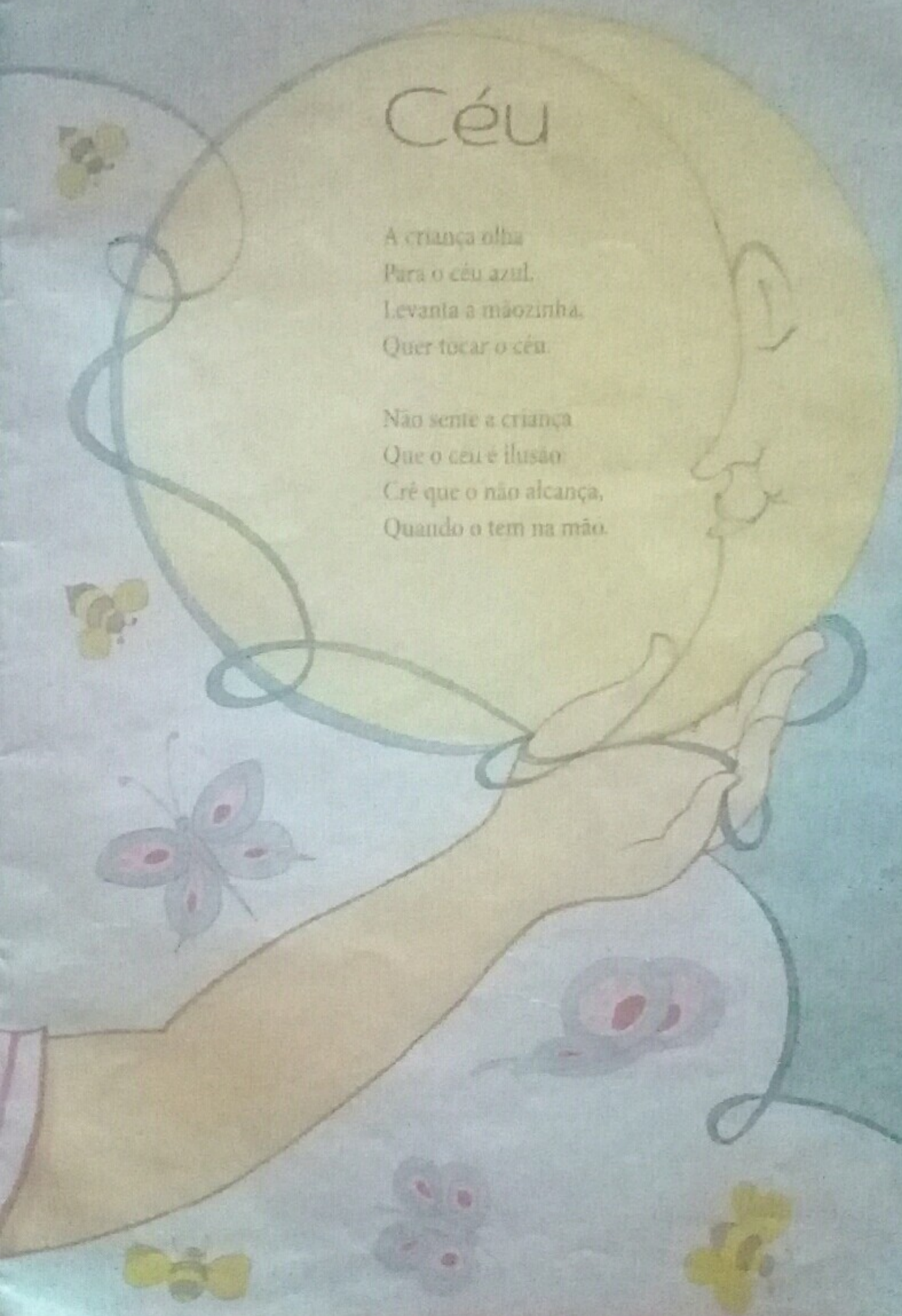
O nosso menino
Nasceu em Belém.
Nasceu tão somente
Para querer bem.

Nasceu sobre as palhas
O nosso menino.
Mas a mãe sabia
Que ele era divino.

Vem para sofrer
A morte na cruz,
O nosso menino.
Seu nome é Jesus.

Por nós ele aceita
O humano destino:
Louvemos a glória
De Jesus menino.

Céu

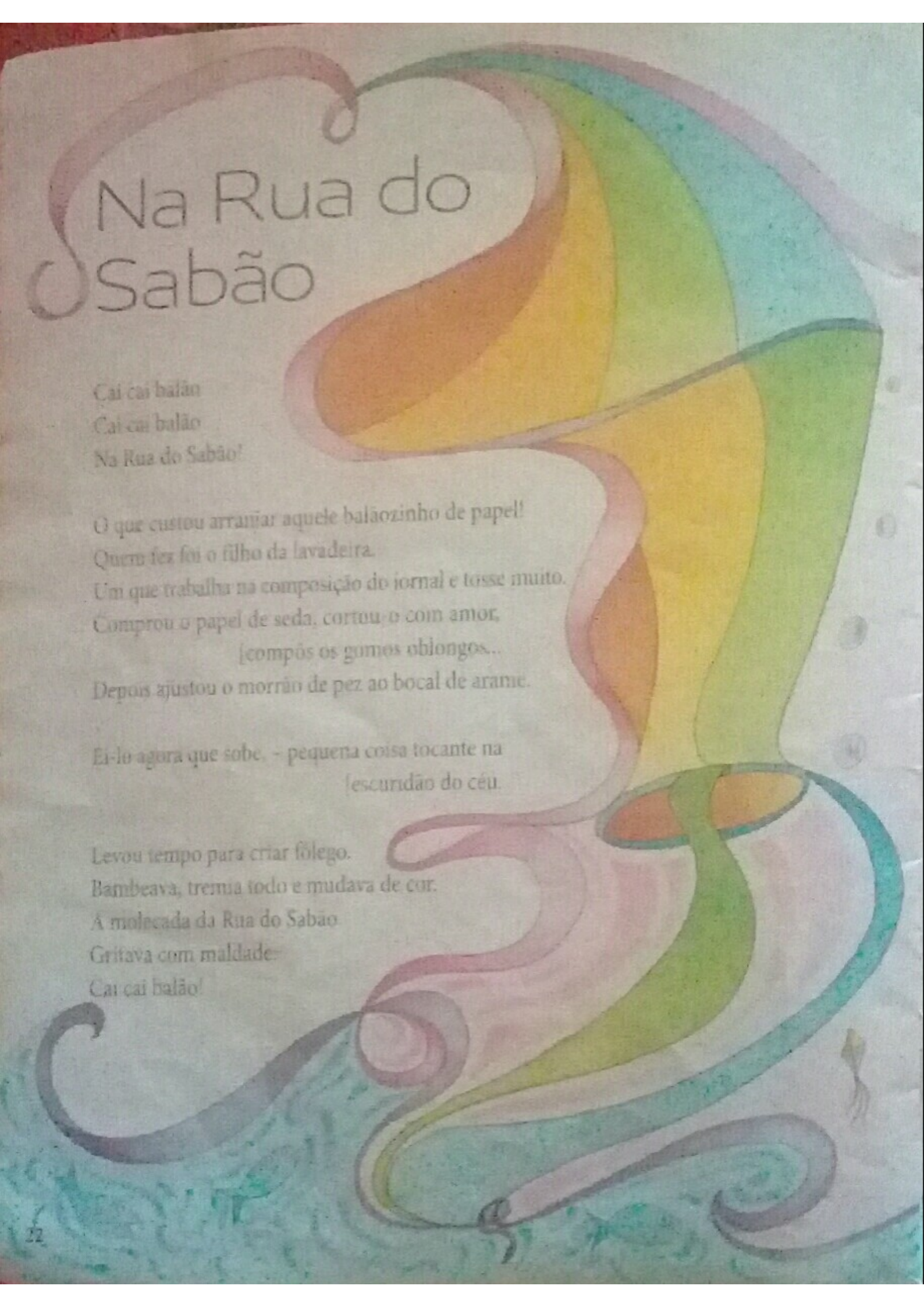
A criança olha
Para o céu azul.
Levanta a mãozinha,
Quer tocar o céu.

Não sente a criança
Que o céu é ilusão:
Crê que o não alcança,
Quando o tem na mão.

Debussy

Para cá, para lá...
Para cá, para lá...
Um novelozinho de linha...
Para cá, para lá...
Para cá, para lá...
Oscila no ar pela mão de uma criança
(Vem e vai...)
Que delicadamente e quase a adormecer o balança
– Psiu...
Para cá, para lá...
Para cá e...
– O novelozinho caiu.

Sacha

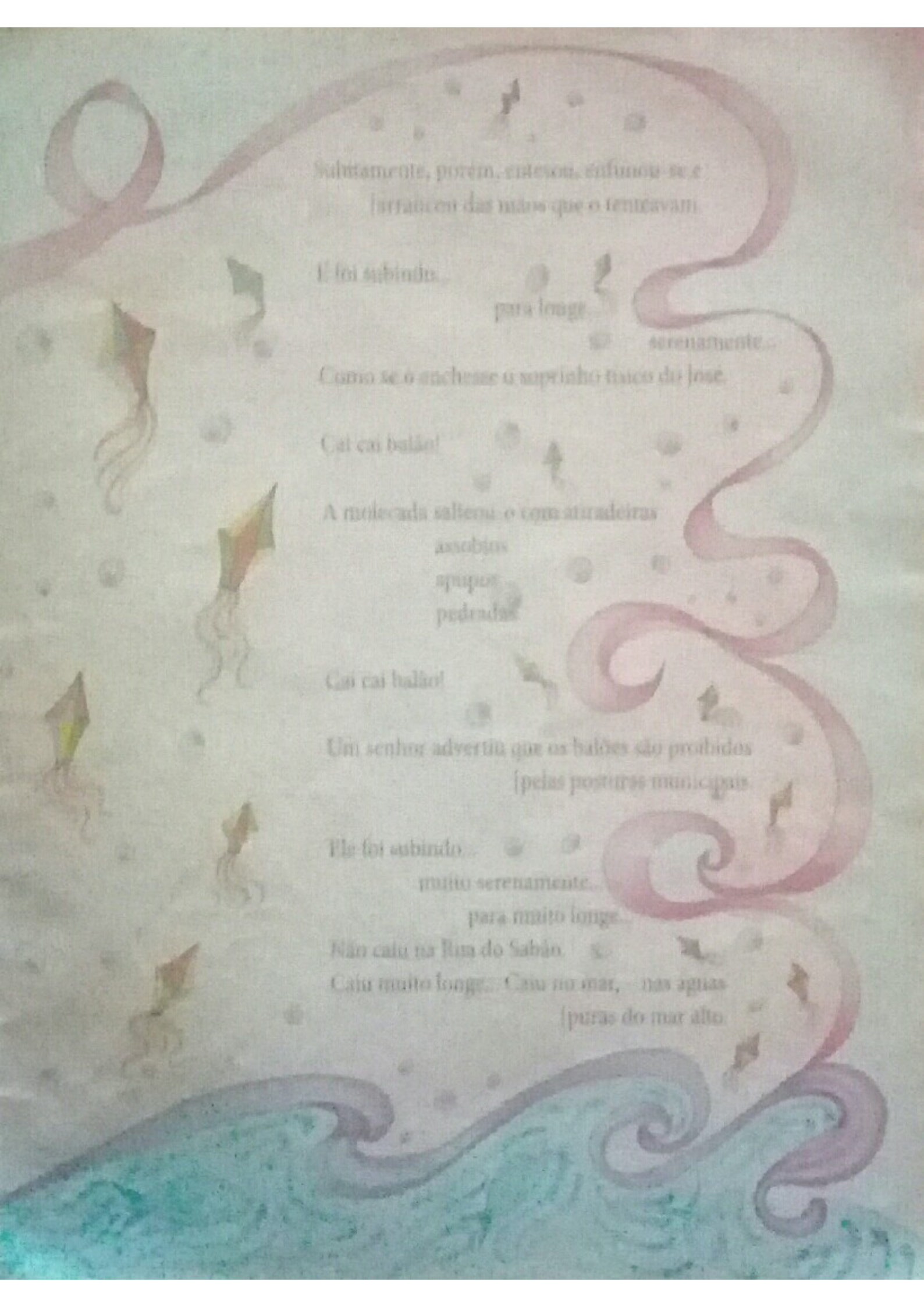
Sacha muchacha,
Nariz de bolacha!

(Meu estro não acha
Outra rima em acha,
Por isso se agacha,
Se cobre de graxa,
Se arranha, se racha,
Se desatarraxa
E pede em voz baixa
Desculpas a Sacha.)

Lenda brasileira

A moita buliu. Bentinho Jararaca levou a arma à cara: o que saiu do mato foi o Veado Branco! Bentinho ficou pregado no chão. Quis puxar o gatilho e não pôde.

– Deus me perdoe! –

Mas o Cussaruim veio vindo, veio vindo, parou junto do caçador e começou a comer devagarinho o cano da espingarda.

Na Rua do Sabão

Cai cai balão
Cai cai balão
Na Rua do Sabão!

O que custou arranjar aquele balãozinho de papel!
Quem fez foi o filho da lavadeira.
Um que trabalha na composição do jornal e tosse muito.
Comprou o papel de seda, cortou-o com amor,
[compôs os gomos oblongos...
Depois ajustou o morrão de pez ao bocal de arame.

Ei-lo agora que sobe, - pequena coisa tocante na
[escuridão do céu.

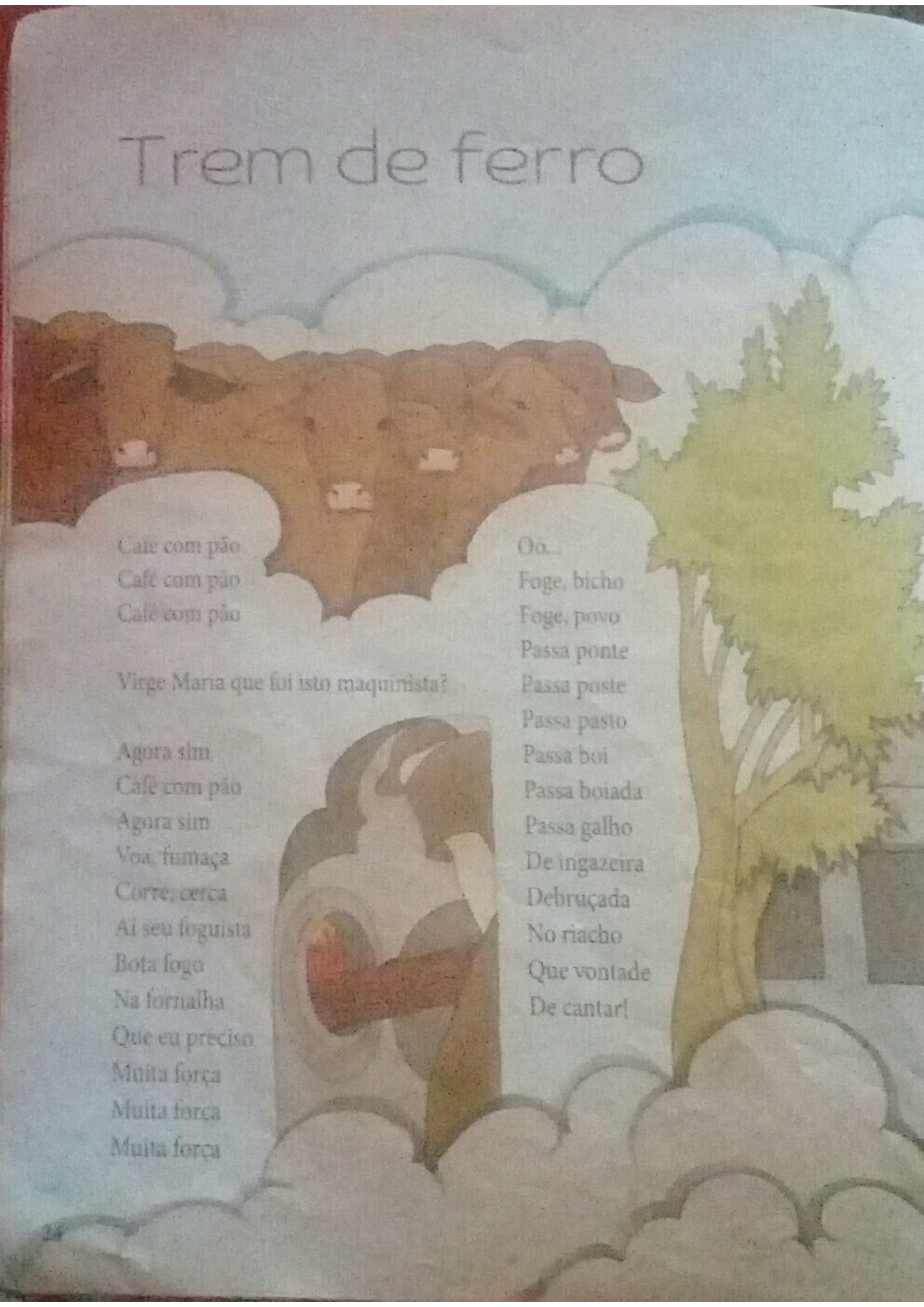
Levou tempo para criar fôlego.
Bambeava, tremia todo e mudava de cor.
A molecada da Rua do Sabão
Gritava com maldade:
Cai cai balão!

Subitamente, porém, entesou, enfunou-se e
[arrancou das mãos que o tenteavam.

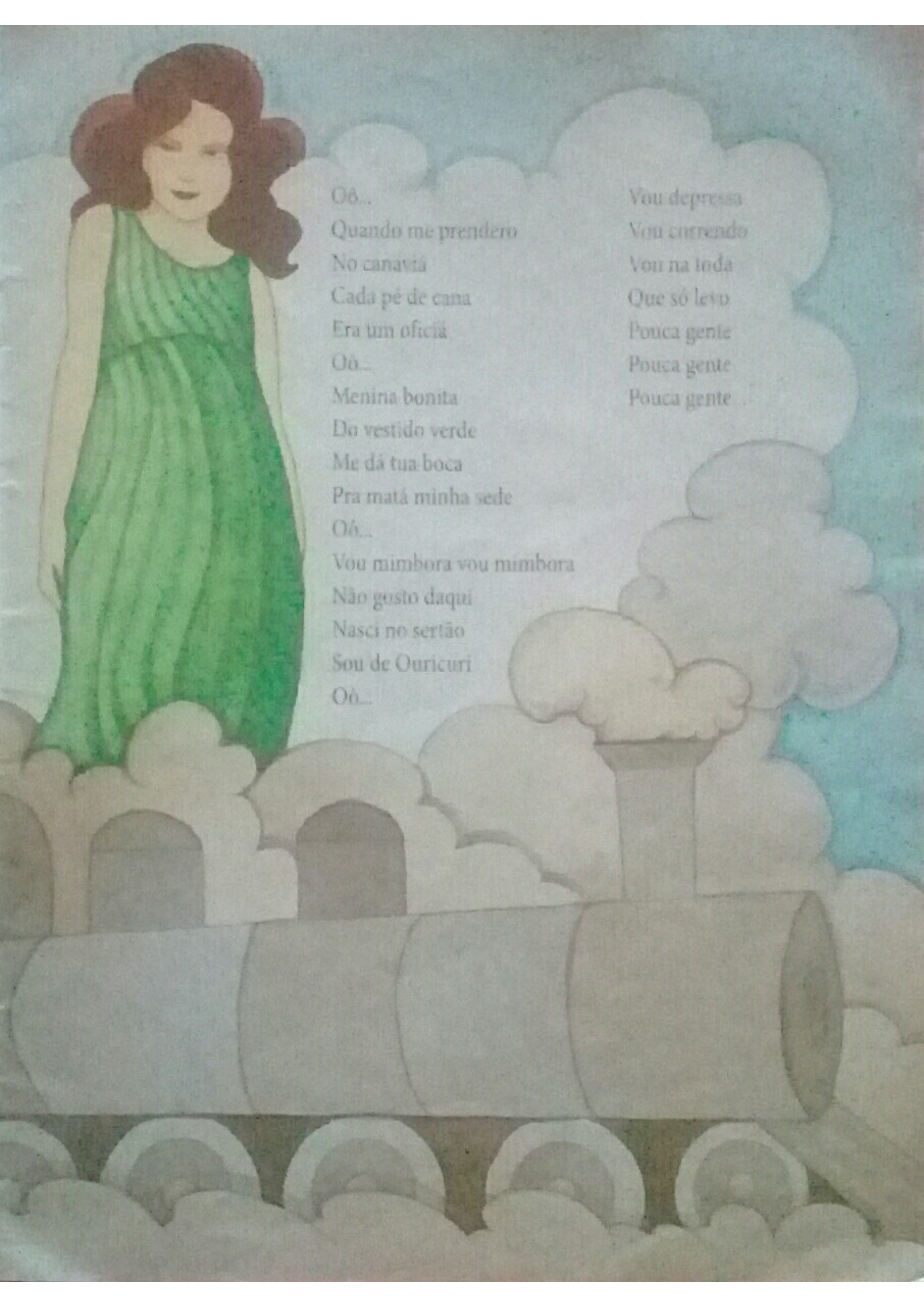
E foi subindo...
para longe...
serenamente...
Como se o enchesse o soprinho tísico do José.

Cai cai balão!

A molecada salteou-o com atiradeiras
assobios
apupos
pedradas.

Cai cai balão!

Um senhor advertiu que os balões são proibidos
[pelas posturas municipais.

Ele foi subindo...
muito serenamente...
para muito longe...
Não caiu na Rua do Sabão.
Caiu muito longe... Caiu no mar, — nas águas
[puras do mar alto.

Trem de ferro

Café com pão
Café com pão
Café com pão

Virge Maria que foi isto maquinista?

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força

Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
De ingazeira
Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!

Oô...
Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá
Oô...
Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matá minha sede
Oô...
Vou mimbora vou mimbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Oô...

Vou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente...

Porquinho-da-índia

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...

– O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira
|namorada.

Manuel Bandeira nasceu em Recife em 1886 e faleceu no Rio de Janeiro em 1968. É considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa, tendo-se destacado também como cronista, professor, tradutor, ensaísta, crítico de literatura e de artes plásticas.

Bandeira residiu a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro. Em 1903, a família muda-se para São Paulo, onde Bandeira se matricula na Escola Politécnica, pretendendo tornar-se arquiteto. Estuda também, à noite, desenho e pintura com o arquiteto Domenico Rossi no Liceu de Artes e Ofícios. Começa ainda a trabalhar nos escritórios da Estrada de Ferro Sorocabana, da qual seu pai era funcionário. No final do ano de 1904, o autor descobre que está com tuberculose, doença incurável na época. Debilitado, abandona o curso, volta para o Rio de Janeiro e começa uma longa trajetória de preocupações, agonias, restrições e tratamentos, sempre à espera da morte.

Apesar da doença, que o acompanhou a vida toda, ou talvez por causa dela, dedicou-se com afinco à literatura. Escrever foi a maneira que encontrou de não deixar que a tuberculose lhe tirasse a vida, suas crenças, seu amor pela arte, pela cultura brasileira, as lembranças de sua cidade natal, de sua infância.

Sua criação literária foi extensa, porém temas como solidão, nostalgia, morte, amor, erotismo, infância, cultura popular e o Recife são constantes em sua produção.

Cláudia Scatamacchia é paulistana e neta de imigrantes italianos que vieram para o Brasil no início do século XX. Eram "um escultor, um sapateiro e duas costureiras, ofícios que exigem habilidade manual, disciplina, criatividade e muita persistência. Herança que uniu meus pais e chegou a mim na forma de paixão e ofício, o desenho".

Estudou Comunicação Visual e produziu quase tudo na área. Ilustra livros e matérias para jornais e revistas, criando imagens que ampliam o prazer de ler. "Gosto de desenhar. De reinventar a linha, revigorar o traço, perseguir as sombras, buscar as luzes e saborear as cores."

O livro *Pra brincar*, de Manuel Bandeira, reúne doze poemas de sua vasta obra, entre eles, "Pardalzinho", "Lenda brasileira", "Na Rua do Sabão", "Trem de ferro", "Porquinho-da-índia" e "Vozes na noite", nos quais são reavivadas as recordações da infância. Os textos são enriquecidos pelas ilustrações vivas e coloridas de Claudia Scatamacchia.

Nos poemas, tudo pode acontecer: um porquinho-da-índia não sai de baixo do fogão, sapos e cães bebem água no brejo, o balão não cai na Rua do Sabão, o Cussarulm come a espingarda do caçador, entre outros acontecimentos inusitados.

O poeta soube, como poucos escritores de sua geração, captar os aspectos mais simples do cotidiano, resgatar em seus versos a cultura popular, as cantigas de roda, o humor e dar à linguagem coloquial, muitas vezes interiorana, musicalidade, ritmo, sonoridade e lirismo. Tais aspectos imprimem em seus poemas um caráter lúdico tão adequado aos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Possibilitar o contato com os clássicos da literatura o mais cedo possível é quebrar o preconceito de que o clássico é sinônimo de velho, quando é, na verdade, algo que o tempo eternizou, certamente, por algum valor especial.